



## *Oralidade e Memória na Pan-Amazônia: a trajetória de Clinton Thomas entre os EUA e o Brasil e a Igreja de Cristo em Urucará-AM (1956-1996)*<sup>1</sup>

César Aquino BEZERRA<sup>2</sup>

Júlio Cláudio da SILVA<sup>3</sup>

### RESUMO

Em 1965, um pastor norte-americano chega em uma pequena cidade amazonense, com sua família, para iniciar a primeira igreja evangélica da cidade. Clinton Thomas era seu nome, e Urucará a cidade. Esse acontecimento norteia nossa investigação, que ancora-se na História Oral, metodologia de pesquisa que possibilita o registro do processo de construção de memórias ou memórias compartilhadas sobre eventos históricos ocorridos no tempo presente. Dessa forma, buscamos registrar e analisar as memórias de familiares e habitantes da cidade sobre a trajetória de Clinton Thomas entre os Estados Unidos e o Amazonas, a chegada e permanência da família Thomas em Urucará e o tempo da fundação da Igreja de Cristo em Urucará. A Igreja de Cristo nasceu nos Estados Unidos, no início do século XIX, espalhando-se para outras nações. A missão brasileira iniciou-se com missionários norte-americanos que se instalaram na região Centro-Oeste em 1948. A partir da primeira igreja, o trabalho missionário avançou para outros estados. Em 1965, pastor Clinton Thomas, nascido em 1930 na Pensilvânia, sua esposa e os três filhos, abrem a igreja em Urucará, como a primeira congregação protestante da cidade. Nossa comunicação procura considerar as memórias sobre o processo de fundação da Igreja de Cristo, a atuação do pastor Clinton, sua relação com outras religiões e os moradores da cidade de Urucará.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Oral; Memória; Clinton Thomas; Igreja de Cristo; Urucará.

Em 1965, uma família de norte-americanos chega em uma pequena cidade amazonense. Os Thomas vinham como missionários para Urucará, estabelecer a primeira igreja evangélica da cidade. Como foi a trajetória dessa família até chegar em Urucará? Por que decidiram morar em Urucará? Como foram suas relações com os moradores da cidade, com as autoridades, com a Igreja Católica e as igrejas

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 12 Oralidades e Memórias na Pan-Amazônia do III SISCULTURA.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas - Centro de Estudos Superiores de Parintins. E-mail: cesaraquinobezerra@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Professor adjunto do Colegiado de História na Universidade do Estado do Amazonas - Centro de Estudos Superiores de Parintins. E-mail: julio30clps@gmail.com



evangélicas? Quais memórias são compartilhadas sobre a fundação da Igreja de Cristo em Urucará? São questões como essas que norteiam essa pesquisa.

Este artigo baseia-se em entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, nascido em 11 de janeiro de 1964, no estado do Colorado, Estados Unidos, o caçula dos três filhos de Clinton e Phyllis Thomas. Também conhecido como “Tomé”, ele trabalhou em fábricas e oficinas de mecânica nos Estados Unidos e Brasil. Tomé residiu no Brasil até a década de 1990, e teve dois filhos, Juliana e Tomé, de seu primeiro casamento, além de quatro netos. Voltou a morar no Brasil em 2015, e está casado com Alcilene França da Gama Thomas, nascida em 04 de abril de 1965, e professora da Educação Básica na rede estadual de ensino.<sup>4</sup>

### **História Oral e Memória**

Os recortes de pesquisa, situados no pós-Segunda Guerra, enquadram-se no que denominamos história do tempo presente. Por séculos, a historiografia, que celebrava o uso de fontes escritas, rejeitou a possibilidade de escrever uma história do tempo presente, pois incluiria o uso da memória, rejeitada por sua subjetividade, e clamava-se sempre pelo necessário afastamento, possível somente nos documentos escritos e fontes oficiais. Porém, conforme Márcia Menendes Motta (2012), as discussões historiográficas do século XX admitiram novas concepções a respeito da memória, e conseqüentemente do tempo presente. A história do tempo presente nos permite a construção de “uma narrativa científica acerca do que vivemos, do que estamos consagrando como memória e, por contraste, do que estamos esquecendo” (MOTTA, 2012:34).

Uma das metodologias possíveis para os estudos contida na História do tempo presente é a História Oral. Segundo Verena Alberti, “a História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (2014:155). Mas, o que é História Oral?

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para

---

<sup>4</sup> Dados biográficos a partir da entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM. Acervo pessoal/GEHA/CESP.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. (ALBERTI, 2014:155)

Sem esquecer que a História oral “responde apenas a determinadas questões e não é solução para todos os problemas” (ALBERTI, 2014:165), consideramos que esta metodologia permite estudar “as formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (p. 165). Estudar essas experiências “torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas” (p. 165). A entrevista pode ampliar a percepção histórica, e permitir a “mudança de perspectiva”. Entretanto, “entre gravar as entrevistas e delas tirar conclusões consistentes para os campos de investigação escolhidos vai uma grande distância”, pois “não é fácil trabalhar com a chamada fonte oral” (ALBERTI, 2014:168).

A gravação de entrevistas é uma especificidade marcante da história oral; metodologia produtora de sua própria fonte. A “entrevista de História oral é, ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista” (ALBERTI, 2014:169). Na História oral, há no mínimo um entrevistado e um entrevistador – dois autores. Assim, a entrevista nasce da interação entre entrevistado e entrevistador, e “tanto um como outro têm determinadas ideias sobre seu interlocutor e tentam desencadear determinadas ações” (p. 169). Além disso, a entrevista de História oral também é fruto da ação de interpretar o passado. Nisso, chama-se “a atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição de memórias - as ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem desencadear ao construir o passado de uma forma e não de outra” (p. 169). É pela narração que o entrevistado transmite o acontecimento que viveu, ou seja, “ele se constitui (no sentido de tornar-se algo) no momento mesmo da entrevista” (p. 171). É no contar das experiências que “o entrevistado transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido” (p. 171).



Para Alessandro Portelli, “a narração oral da história só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo” (2010:19). É apenas no diálogo entre duas pessoas, a fonte e o historiador, o entrevistado e o entrevistador, que aquilo que está guardado na memória será lembrado, organizado e narrado. Por isso, o entrevistador deve provocar as memórias e colaborar com sua criação: “por meio da sua presença, das suas perguntas, das suas reações” (p. 20). Com os estímulos do entrevistador, o narrador pode ser levado a explorar setores e aspectos da sua experiência, antes mantidos longe quando relata suas histórias aos seus conhecidos.

Não sendo a narração um fim em si mesmo, já que visa a produção de um documento, o espaço da entrevista institui o que Portelli (2010) chama de “bipolaridade dialógica”, pois dois sujeitos estão face a face, com a mediação de um microfone. Assim, “os dois se olham” (p. 20), o pesquisador olha para sua fonte, o narrador olha para seu entrevistador, e, portanto, por suas percepções, modela seu discurso, durante a “troca de olhares”. Dessa forma, Portelli considera que “a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo” (p. 20).

Márcia Motta (2012) alerta ao equívoco de considerarmos memória e história como sinônimas; assim, persiste a necessidade de o historiador fazer uma reconstrução crítica e não somente restaurar memórias, compreendendo que estas tanto são fontes históricas quanto fenômenos históricos. Da mesma forma, Alberti reitera que não podemos considerar o relato como a própria “História”, ou seja, quando “a entrevista, em vez de fonte para o estudo do passado e do presente, torna-se a revelação do real” (2014:158). É preciso entender que a entrevista é mais uma fonte que precisa ser interpretada e analisada.

### **A Igreja de Cristo**

A Igreja de Cristo nasceu nos Estados Unidos, no início do século XIX, a partir de movimentos que buscavam um retorno ao cristianismo primitivo, unidade dos cristãos e valorização da Bíblia. Esses movimentos, tendo como líderes principais os pastores Barton Stone (1772-1844), Thomas Campbell (1763-1851) e Alexander



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Campbell (1788-1866), ficaram conhecidos como Movimento de Restauração ou Movimento Stone-Campbell, apesar de preferirem ser conhecidos apenas como Cristãos ou Discípulos de Cristo. Tendo objetivos comuns, no início de 1832, os movimentos se uniram, apesar de suas diversidades internas serem permitidas, seguindo um de seus lemas: “No essencial, unidade; nas opiniões, liberdade; em todas as coisas, o amor”. As congregações do movimento, conhecidas como Igrejas de Cristo ou Igrejas Cristãs, ainda no século XIX começaram sua expansão pelos Estados Unidos e para outros países.<sup>5</sup>

Segundo o *site* Movimento de Restauração, mantido por membros da Igreja de Cristo no Brasil, a permissão de teologia e práticas plurais acarretou na divisão dos Discípulos em três vertentes. Em 1906, a primeira divisão aconteceu com o grupo das Igrejas de Cristo A Capella, chamado de ramo radical. Várias mudanças e um processo de reestruturação entre a década de 1920 e 1968 resultaram em dois novos grupos: um grupo mais liberal e ecumênico, formou as Igrejas Cristãs Discípulos de Cristo, enquanto os membros que não seguiram a nova denominação formaram a comunhão das Igrejas Cristãs/Igrejas de Cristo Discípulos independentes. É nesse grupo que nossos estudos concentram-se. Nas estimativas oficiais da igreja, as Igrejas Cristãs/Igrejas de Cristo foram o segundo grupo religioso que mais cresceu nos EUA no fim do século XX, somando mais de três milhões de membros na América do Norte.<sup>6</sup>

No final da década de 1920, a primeira iniciativa missionária do Movimento de Restauração no Brasil foi das igrejas A Capella, que enviaram três missionários para a região Nordeste do Brasil. Porém, devido às dificuldades, os trabalhos não tiveram sucesso e os missionários se uniram à nascente Igreja Assembleia de Deus.<sup>7</sup> Depois, os Discípulos independentes enviam o casal David e Ruth Sanders, que chegam ao Brasil em 25 de março de 1948, com destino à futura capital. Como Brasília ainda estava em construção, os Sanders decidem ficar em Goiânia-GO, onde a primeira igreja foi instalada, em 7 de setembro de 1948. Vários missionários norte-americanos se juntaram aos Sanders, e igrejas são estabelecidas no Pará, Amazonas, Amapá, Tocantins e no

<sup>5</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. **Introdução à História do Movimento de Restauração de Stone e Campbell.** Movimento de Restauração. Disponível em <<http://movimentoderestauracao.com/2008/05/26/introducao-a-historia-do-movimento-de-restauracao-de-stone-e-campbell/>>. Acesso em 20 de agosto de 2017.

<sup>6</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. *Ibidem.*

<sup>7</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. *Ibidem.*



Distrito Federal. Líderes nacionais começam a surgir ainda no fim da primeira década, mas apenas a terceira geração de líderes brasileiros assume a direção da Igreja de Cristo, nome que assumiu no país. Conforme estimativa de líderes, no *site* Movimento de Restauração, a Igreja de Cristo possui mais de quatrocentas igrejas, principalmente em Goiás e Distrito Federal, mas também em outros estados, além de projetos missionários, instituições teológicas, assistência social, e outras frentes de atuação.<sup>8 9</sup>

### Clinton Thomas e a Igreja de Cristo em Urucará

Dentro da primeira onda de missionários da Igreja de Cristo no Brasil, estavam Clinton e Phyllis Thomas. Clinton Benjamin Thomas nasceu em 28 de setembro de 1930, em Williamsport, no estado da Pensilvânia, Estados Unidos.<sup>10</sup> Filho de Benjamin e Lucinda Thomas, formou-se no Johnson Bible College<sup>11</sup> em 1955. Phyllis Eleanor Thomas, nasceu em 26 de dezembro de 1934, em Williamsport, Pensilvânia. “Desde criança, iam na mesma igreja”, e após seu casamento, “foram juntos para o colégio”, mas quanto à Phyllis, “faltou um ano para terminar”. O casal Thomas teve três filhos: Timothy Benjamin Thomas, Theodor Andrew Thomas e Thomas Joel Thomas. Respectivamente, nasceram em “56 o Timóteo, Teodoro em 59 e eu sou de 64”.<sup>12</sup>

Questionado sobre porquê seus pais foram enviados como missionários para o Norte do Brasil, Tomé narra: “Meu pai era um mecânico de aviação, que a missão tinha um avião. Só que quando ele chegou aqui não precisaram mais dele”. “Ele veio em 54, mas ele voltou né”, depois disso, “ele voltou para o Estados Unidos, vendeu as coisas e voltou em 56”. Em outra fala, reitera que “na primeira vez ele voltou, vendeu as coisas que tinha lá e... veio”. O filho caçula afirma que Pastor Clinton “gostou do Brasil e quis voltar”.<sup>13</sup>

<sup>8</sup> AGOSTINHO JÚNIOR, Pedro. *Ibidem*.

<sup>9</sup> Os outros ramos do Movimento Stone-Campbell também atuam no Brasil, mas nosso recorte não permite tratá-los aqui.

<sup>10</sup> BRAZIL CHRISTIAN WIKI. **Clinton and Phyllis Thomas**. Disponível em <[http://en.brazilchristianwiki.org/wiki/Clinton\\_and\\_Phyllis\\_Thomas](http://en.brazilchristianwiki.org/wiki/Clinton_and_Phyllis_Thomas)>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

<sup>11</sup> Fundado por Ashley e Emma Johnson, o seminário nasceu em 1893 como The School of the Evangelists, em Knoxville, sendo renomeado como Johnson Bible College em 1909. Em 2011, tornou-se Johnson University. Disponível em <<http://history.johnsonu.edu/index.html>>. Acesso em 10 de maio de 2018.

<sup>12</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.

<sup>13</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Os Thomas atuaram primeiramente nas cidades de Belém-PA e Macapá-AP.<sup>14</sup> Moraram em Belém, “na faixa de 2 anos”, onde nasce o primeiro filho: “ela veio grávida lá dos Estados Unidos”. Como “os missionários queriam que ele trabalhasse no outro lado do rio, em Macapá”, Tomé relata que a família Thomas mudou-se para o Amapá: “lá onde o segundo irmão nasceu em Macapá, tinha casa, igreja lá”. Por quanto tempo? “Parece que 10 anos nessa área, Belém e Macapá”.<sup>15</sup>

Sobre as relações dos missionários Thomas com a Igreja de Cristo norte-americana, Tomé descreve o apoio das igrejas nos Estados Unidos: “eu acho que cada missionário tem uma base do estado que eles vêm da Igreja... ajuda no suporte financeiro...” Assim sendo, Pastor Clinton recebia recursos da igreja da Pensilvânia. Ainda que não saiba sobre os outros missionários no Brasil, acredita “que cada qual tem o seu programa, né, de ajuda financeira”.<sup>16</sup>

Depois de Macapá, eles voltaram aos Estados Unidos, conforme Tomé: “59 a 60 ele voltou, passou uns anos lá quando eu nasci”. Durante esses anos, Clinton trabalhou “com torno, ele também tinha uma loja de armas no Colorado”. Permaneceu “uns 3 anos naquela área, mas aí pediram pra ele voltar pra missão”. Foi nessa ocasião “que ele veio pra essa área de Urucará”. O primeiro destino novamente foi Belém: “porque o voo chegou em Belém, aí pega a chatinha<sup>17</sup> até Urucará”. Até aquele momento, Clinton “só tinha vindo de Belém até Manaus”. A viagem até Urucará se deu “subindo parece que a chatinha nos anos 60, 65 né, chatinha, que é de lenha, naquele tempo, ia parando e demorava bastante (...) a chatinha demorava meses pra chegar...” De acordo com Tomé, “era a primeira vez” que a família viajava naquela direção.<sup>18</sup>

A cidade de Urucará, situada no estado do Amazonas, pertence à Mesorregião do Centro Amazonense e Microrregião de Parintins, com área de 27.903,534 km<sup>2</sup>. O gentílico é urucaraense. A região foi habitada por índios Burubus, Caboquenas e Guanavenas, e o nome Urucará deriva da junção das palavras “uru”, cesto de palha, e “cará”, inhamé. A cidade originou-se do povoado de Santana da Capela, fundada em

<sup>14</sup> Segundo Pedro Agostinho Júnior, em **Esboço da presença dos três principais ramos do Movimento de Restauração no Brasil**, no *site* Movimento de Restauração, a igreja em Belém foi iniciada em 1952, por Bill e Virginia Loft.

<sup>15</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.

<sup>16</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.

<sup>17</sup> Meio de transporte fluvial.

<sup>18</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.



1814, por Crispim Lobo de Macedo. A freguesia de Nossa Senhora Santana de Capela foi criada em 3 de maio de 1880, sendo elevada à vila de Nossa Senhora Santana de Urucará por lei provincial em 12 de maio de 1887, desmembrada do município de Silves. Em 1892, uma lei altera o nome do município para simplesmente Urucará. Um Ato Estadual em 1930 suprime o município e anexa seu território ao de Itacoatiara, sendo restabelecido em 1935. Em 31 de março de 1938, a sede do município recebe foros de cidade, e a comarca de Urucará é criada em 24 de dezembro de 1952. Em 10 de dezembro de 1981, a Emenda Constitucional nº 12 desmembra o território para a criação de São Sebastião de Uatumã.<sup>19</sup> No censo de 2010, a população de Urucará era de 17.094 habitantes. Destes, 4.052 se declaravam como evangélicos, ou seja, a cidade possui um quarto de população evangélica.<sup>20</sup> Em comparação, no estado do Amazonas, de acordo com o IBGE, dos 3.483.985 de habitantes, no mesmo período, 1.085.480 pessoas, mais de um terço da população amazonense, se declarava como evangélicos.<sup>21</sup>

Por que Clinton Thomas foi para Urucará? Segundo Tomé Thomas, “ele queria uma área nova onde não tinha igreja (...) queriam achar cidade que não tinha igreja cristã. Em Urucará foi uma”. Poderia ter sido outra? “Tinha cinco assim (...) então, aqui era uma, então ele ficou”. Para o colaborador, não havia nada de específico em Urucará: “chegou aqui e resolveu ficar”. Tomé afirma que Clinton não conhecia ninguém da cidade, mas várias pessoas estavam observando sua chegada, já que “o pessoal ficava lá na frente da cidade, quando a embarcação chegava... pra ver quem chegava, quem ia embora (...) todos estavam esperando ele lá, quando ele subiu...” Por quê? “Ele era branco né, ninguém sabia o que ele tava procurando. Aí o seu Arthur Libório recebeu ele... disse que tava esperando um homem como ele.”<sup>22</sup>

O morador estava esperando não o pastor Clinton especificamente. “Porque o pai dele disse que um dia vinha um homem branco, que vinha trazer um evangelho... e ele achou que aquele era o momento.” Libório ouvira isso de seu pai em Manaus. Tomé não conhece bem essa história: “eu só sei que o pai dele disse que um dia viria um

<sup>19</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE URUCARÁ. Disponível em <<http://www.ale.am.gov.br/urucara/o-municipio/historia/>>. Acesso em 13 de setembro de 2017.

<sup>20</sup> IBGE. **Urucará**. Censo Demográfico do Brasil de 2010. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/urucara/panorama>>. Acesso em 17 de setembro de 2017.

<sup>21</sup> IBGE. **Amazonas**. Censo Demográfico do Brasil de 2010. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/panorama>>. Acesso em 05 de outubro de 2018.

<sup>22</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



homem com ensinamentos da escritura e pra abraçar a fé”. Esse acontecimento torna-se importante na trajetória de Clinton Thomas, e “quando o papai visitava as igrejas ele contava as histórias”, sendo esta uma das mais importantes ao legitimar sua ação religiosa no interior do Amazonas.<sup>23</sup>

Segundo Tomé Thomas, seu pai “comprou uma casa próximo do seu Arthur, depois vendeu e comprou onde é a casa principal, que era uma usina de arroz”. Quanto ao trabalho missionário, eles começaram logo: “Foram começando sim!” Uruará, “aquele tempo não tinha eletricidade e nem água né”. As primeiras reuniões aconteciam na casa: “primeiro a igreja teve que ser em casa porque não tinha estabelecimento...”<sup>24</sup>

O processo de construção de memória de Tomé não recupera reações negativas dos moradores após a chegada da família Thomas. Mas narra sobre um caso emblemático daqueles primeiros dias: “o único problema eu acho que foi quando ele foi lavar uma rede de uma pessoa que era doente de lepra né”. Se a cidade não tinha água encanada, pastor Clinton teria ido lavar a rede no rio em frente à cidade, e “as pessoas tomavam banho no rio e não gostaram daquilo.”<sup>25</sup>

O episódio parece indicar uma possível reação às ações dos missionários, mas também indicam irem estas além dos cuidados espirituais. O cuidado com os desvalidos e enfermos.

Foi logo que chegou. Que a filha queria madeira pra fazer um caixão, e ele queria saber quem faleceu, e... a filha disse que ele não faleceu, mas ninguém entrava na casa pra ajudar ele, porque ele tinha doença. (...) Aí ele foi e ajudou o homem, e ainda recuperou... ele fez tratamento em Parintins e morou diversos anos depois aqui. (...) Tinha que limpar ele né, porque ninguém entrava na casa... e naquele tempo todo mundo tinha medo, eles davam comida por um buraco na porta, num caniço. E ele caiu da rede e pensaram que ele ia morrer lá. (...) Aí já iam preparar o caixão pra ele. [risos]<sup>26</sup>

Segundo o colaborador, Pastor Clinton foi a primeira pessoa que se dispôs a ajudar esse homem, já que “naquele tempo era desconhecido os efeitos da doença né”. Tomé identifica o homem como Paulo Serrão. Clinton o ajudou a ir para Parintins, “porque era um local que tinha um tratamento, o outro era em Manaus”. Após essa

<sup>23</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Uruará/AM.

<sup>24</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Uruará/AM.

<sup>25</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Uruará/AM.

<sup>26</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Uruará/AM.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



ajuda do pastor norte-americano a Beltrão, os moradores, “logo que viram a recuperação, acho que começaram a confiar no trabalho do papai né, ajudando as pessoas...” Diversos casos são lembrados por Tomé, em que Pastor Clinton ajudava pessoas doentes e feridas, “não tinha outro para ajudar né”. Seus conhecimentos médicos vieram de sua mãe, “a mãe dele era enfermeira”, e “ele tinha os livros, estudava antes de vim... era um dom de Deus que ele tinha”. Tomé relata que “qualquer coisa as pessoas corriam com ele naquela época”.<sup>27</sup>

Após a chegada, pastor Clinton “comprou a primeira, e a segunda residência ele foi comprando”, com a ajuda da igreja norte-americana. “Ele tinha uma parte em dinheiro que ele trouxe... parece que a usina de arroz era... dois mil réis, naquele tempo... onde é a casa agora.” Tomé Thomas não sabe quando foi construído o templo: “eu acho que logo fizeram... o estabelecimento da igreja. Que desde a minha memória de pequeno já tinha um local né”. A primeira igreja “era de madeira. Só tinha uma parede. Os bancos de madeira”, no mesmo endereço, “é a mesma que a atual agora”, “na rua da frente”. O próprio pastor “terminou o serviço”; “em 80 mais ou menos que fizeram uma de alvenaria”, com recursos externos: “veio dinheiro de fora para ajudar a missão (...) pessoas independentes e da igreja pra ajudar a fazer a construção de alvenaria (...) a missão e os grupos que ajudaram ele que mandavam ajuda financeira”.<sup>28</sup>

O terreno da usina ficava próximo à Igreja Matriz de Santa Ana, “ela fazia fundo com a igreja”. O prédio da Igreja de Cristo foi construído no mesmo terreno, “no mesmo quarteirão”. Dessa forma, uma característica singular da primeira igreja evangélica de Urucará é sua proximidade com a Igreja Católica: “porque a igreja já fica na praça, é bem próximo”. Apesar da proximidade, Tomé Thomas afirma que não haviam problemas entre os fiéis, se encontrando na direção de suas reuniões religiosas: “Não! Não! Não! Nessa parte... só barulho de festa quando tinha alto falante...” Como durante as festividades na Igreja Católica era usado um alto falante, isso atrapalhava os cultos evangélicos, “porque o programa de um era diferente que do outro né”. Tomé assegura que essa localização não teve algum motivo especial, mas simplesmente porque “a cidade era pequena naquele tempo, eu acho que era um local que tinha pra comprar né”. A população de Urucará “era menos de cinco mil eu acho”. Sua renda era

<sup>27</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.

<sup>28</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.



---

“a pescaria né, comum na área, e a prefeitura, até hoje, é a renda principal”.<sup>29</sup>

A chegada dos missionários também teria efeito sobre a atuação católica na cidade. Até a década de 1960, de acordo com Tomé, “o padre só vinha uma vez por ano, durante a festa (...) Não sei qual era a festa naquele tempo, eu acho que era Santana”.<sup>30</sup> Porém, “depois que ele chegou, aí mandaram o padre... pra ficar aqui, permanente”. Apesar das animosidades possíveis na relação entre as duas igrejas cristãs, como verificado em outras regiões<sup>31</sup>, havia amizade entre os religiosos, “porque a maioria era canadense, então eles conversavam em inglês”, e inclusive “os padres vinham visitar ele”. Os padres “norte-americanos sempre se deram bem”, entretanto, com a mudança dos sacerdotes, “os mexicanos não se deram tanto com o meu pai”. Tomé não viu problemas entre as igrejas por divergências: “os padres faziam os trabalhos dele e papai fazia o trabalho cristão, que era as Escrituras, a base da Igreja Cristã. Então não era motivo de encrenca.”. Entretanto, sem entrar em detalhes, Tomé atesta que haviam diferenças: “Sempre tem, a diferença de quem está certo ou errado (...) Mas se você precisa ajuda de alguém, você não vai brigar com aquela pessoa”. Dessa forma, pastor Clinton “era aceito... porque ele ajudava em outras áreas, além da igreja”. Seu trabalho alcançava “a comunidade em geral, tanto faz católico ou da Igreja de Cristo”. Com isso, reitera o papel fundamental do missionário na cidade de Uruará: “O papai era a única pessoa, naquele tempo, que podia correr pra ele”.<sup>32</sup>

Tomé Thomas explica a ajuda financeira que a família recebia. “Uma pessoa encarregada” nos Estados Unidos era responsável por receber as contribuições: “podia mandar pra aquela pessoa quando precisasse né. Não era por mês ou por semana, era quando tinha alguma coisa, ia para aquela pessoa responsável”. Pastor Clinton tinha acesso a esse dinheiro através do banco: “eles mantinham a conta bancária no Estados Unidos... e quando o papai precisava ele podia pegar o dinheiro”. Ele não recebia ajuda financeira do Brasil, “aqui no Brasil não tinha nada não”, nem mesmo de outras congregações brasileiras da Igreja de Cristo, pois Tomé menciona que “naquele tempo,

---

<sup>29</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Uruará/AM.

<sup>30</sup> Atualmente, a principal festa religiosa da cidade é a do Divino Espírito Santo, em alusão à celebração de Pentecostes.

<sup>31</sup> Ver por exemplo: RODRIGUES, Cesar Augusto Viana. **Conflitos religiosos em Parintins na década de 50**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em História. Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2008.

<sup>32</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Uruará/AM.

não tinha igreja na área né”.<sup>33</sup>

As relações com as autoridades teriam sido problemáticas em algumas ocasiões, recorda Tomé: “Porque é... política você tem que estar de um lado ou de outro, se você não está... de acordo com o prefeito, você se torna um contra né, inimigo... e já que ele não participava na política, sempre perseguiram ele.” Os prefeitos, “alguns se davam com ele, e outros não”. Também policiais, “tinha alguns que não gostavam dele”, já que pastor Clinton procurava manter-se livre das questões políticas da cidade. “Porque ele era independente do... do que o prefeito queria né”. Clinton Thomas “não gostava de som alto e ele reclamava sempre”, e como os habitantes “diziam que pagavam direito, então era um motivo de encrenca (...) era pelo alto falante e barulho, naquele tempo, que perseguiram ele”. Como era de conhecimento público onde aconteciam as reuniões evangélicas, “eles faziam barulho né, sabendo que ele tinha o culto”.<sup>34</sup>

Destaca-se na trajetória de Clinton Thomas sua atuação médica, na qual dispunha da contribuição de um médico brasileiro: “o doutor João Lúcio que dava amostra grátis pra ele, medicamentos, em Manaus”. João Lúcio era amigo do pastor Clinton, e fornecia “medicamentos pro papai trazer, distribuir aqui pro pessoal”. É provável que esse seja o médico que nomeia um hospital na capital amazonense: “eu acho que o Hospital Doutor João Lúcio é o nome dele”. Pastor Clinton “ia em Manaus, numa base de uma vez por mês, fazer compras e ia visitar o doutor João, sempre tinha um estoque de remédio para mandar pra ele”.<sup>35</sup>

As consultas eram realizadas “de manhã até meio-dia”. Havia “fila de pessoas”, que “ocupava bastante tempo” do pastor Clinton. O local das consultas era sua residência: “ele tinha um consultório em casa, as pessoas vinham... com muitos, muitos problemas né”. Além disso, “pessoas que não podiam chegar em casa ele ia visitar na casa deles”. Apesar de sua ajuda, em casos mais sérios, ele pedia que o doente fosse para Itacoatiara ou Manaus: “alguma coisa que não tinha tratamento aqui, tinha que... aí nesse ponto as famílias, a prefeitura, pediam uma ajuda, uma passagem, se não tivesse”. Não havia médicos na cidade, “só depois né, dos anos 80 que veio aparecendo os médicos”. Segundo Tomé, as autoridades da cidade apoiavam as ações do pastor

<sup>33</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Uruará/AM.

<sup>34</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Uruará/AM.

<sup>35</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Uruará/AM.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Thomas, “porque todo mundo precisava dele. Se ele doava o tempo dele ninguém ia empatar ele né (...) tanto faz prefeito, policial, todo mundo confiava nele, no trabalho dele”, desvelando uma legitimação de Clinton Thomas através da atuação na saúde.<sup>36</sup>

Tomé Thomas revela que seu pai “nunca cobrou medicamento de ninguém... nem ajuda, só na área de mecânica, porque precisava o material e ele teria que pagar pra ajudar então ele cobrava, mas, era pouco”. Apresentando a atuação mecânica de seu pai, Tomé descreve que “ele tinha torno, ele fazia de tudo, até peças pra máquina elétrica”. Assim, ele cuidava dos veículos, “alguns né, que não tinha muitos naquele tempo”. Enquanto as manhãs eram dedicadas para o atendimento médico, “pela tarde ele trabalhava na área mecânica (...) assim, ajudando o povo”.<sup>37</sup>

Ocupando suas manhãs e tardes, como Clinton conciliava suas atividades com o serviço pastoral? Tomé Thomas afirma que os cultos eram “domingo de manhã, domingo à noite, quarta-feira, tinha culto de oração”, “então ele tinha bastante tempo pra ele ficar...” Também “ajudava quando as pessoas iam visitá-lo né, se, tinham alguma pergunta espiritual, podiam conversar com ele”. Tomé recorda que “até em 1980 era bem assistido”, já que “antes de televisão, era bem assistido, porque não tinha motivo de reunir as pessoas né”.<sup>38</sup>

E em que áreas a Sra. Phyllis Thomas atuava? Tomé relata que sua mãe “tinha hobbies né, de fazer costura, com grupos de mulheres, é, tecido de metro e meio de tapete, assim, pra conversar e ter algum objeto pra fazer as coisas né”. Também dava aulas “na escola pública e particular”. Ela ensinava “inglês particular”, e trabalhou na Escola Estadual Ramalho Júnior. Clinton substituiu Phyllis algumas vezes nas aulas de inglês: “Se ela... é, viajasse ele preenchia assim, uma noite, que ela não podia ir, mesmo que ele não era um professor, mas ele... acho que tem pessoas que tem lembrança dele...” E sua atuação na igreja? Tomé fica indeciso um momento e diz que “ela tinha as partes né, que ela trabalhava mais com as senhoras, e ele com os homens”.<sup>39</sup>

A Igreja de Cristo foi a primeira igreja evangélica de Urucará, mas “nos anos 90, chegou outras denominações”. Como eram as relações entre as diferentes igrejas evangélicas? “Sempre tem a crítica de prática. Cada um tem o seu método, não é? De

<sup>36</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.

<sup>37</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.

<sup>38</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.

<sup>39</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



igreja com mais número, sempre se acha certa porque o número é maior...” Tomé também relata sobre as mudanças dos fiéis: “é porque os outros quando vem, eles já vem atrás de evangélicos que tem a base... é mais comum tirar alguém da igreja que já é evangélico para ajudar, do que achar uma pessoa nova, né?”.<sup>40</sup>

Tomé credita às novas igrejas a diminuição da frequência na Igreja de Cristo: “Vir os outros movimentos, e as pessoas começaram a sair”. Urucará “também cresceu, então as pessoas ficavam mais distantes da igreja, e começaram a frequentar a mais próxima de sua casa”. Ainda que “sempre vai saindo, e vem entrando novos, né (...) outros era estudo em Manaus, ou trabalho em Manaus”, pois “a imigração pra Manaus foi grande”. Com isso, os membros foram diminuindo. Entretanto, ainda que muitos tenham saído, “tem muitas pessoas que reconhecem a base de crescimento que papai espalhou, na infância deles, mesmo que eles, hoje pratiquem com outras igrejas, né...”<sup>41</sup>

Depois de trinta anos em Urucará, é à sua mãe que Tomé Thomas atribui a saída dos missionários da cidade:

Sim, porque a mamãe queria voltar. Acho que saudade, né, de família. Tantos anos fora... e motivo de escola foi motivo que ela queria terminar... que ela não terminou quando ela veio em 56, ela não tinha terminado ainda a escola. Então ela sempre cobrava do papai para voltar um dia e terminar...<sup>42</sup>

Sexagenários, o casal Thomas retornou aos Estados Unidos em 1996, aposentando-se de suas ações missionárias. Ainda visitaram Urucará algumas vezes nos anos seguintes, e Pastor Clinton faleceu em 21 de abril de 2007, no Baptist Hospital em Knoxville, Tennessee.<sup>43</sup> O periódico do Johnson Bible College trouxe uma nota sobre o falecimento de seu ex-aluno, chamado de “Pai da Cidade de Urucará”, assim como a informação de que a cidade decretara três dias de luto. Deixou sua esposa de mais de cinquenta anos, os três filhos e sete netos.<sup>44</sup>

<sup>40</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.

<sup>41</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.

<sup>42</sup> Entrevista realizada com Thomas Joel Thomas, em 19 de agosto de 2017, em Urucará/AM.

<sup>43</sup> BRAZIL CHRISTIAN WIKI. **Clinton and Phyllis Thomas**. Disponível em <[http://en.brazilchristianwiki.org/wiki/Clinton\\_and\\_Phyllis\\_Thomas](http://en.brazilchristianwiki.org/wiki/Clinton_and_Phyllis_Thomas)>. Acesso em 15 de agosto de 2017.

<sup>44</sup> JOHNSON BIBLE COLLEGE. **Blue&White**. April, May, June/2007. Disponível em <<https://www.johnsonu.edu/JohnsonUniversity/media/Tennessee/Johnson%20Magazine/PDF/APR-JUNE-2007.pdf>>. Acesso em 15 de agosto de 2017.



## Considerações Finais

Ao privilegiar aspectos da história da região do Baixo Amazonas, buscamos suprir lacunas na historiografia amazonense, tendo em visto a inexistência de análises acadêmicas sobre a trajetória de Clinton Thomas e a Igreja de Cristo em Urucará. A nível nacional, não encontramos pesquisas científicas sobre a Igreja de Cristo no Brasil. Procuramos desbravar esse campo, analisando as redes de relações de Clinton Thomas com Urucará, com a Igreja de Cristo no Brasil e com a Igreja de Cristo nos Estados Unidos. Além de seu relacionamento com outras pessoas no Brasil e com outros estrangeiros, que viviam ou visitavam Urucará e outras cidades do Norte brasileiro.

Diversas questões ficam em aberto, apontando as possibilidades da pesquisa. Através da metodologia da História Oral, poderemos acessar as “histórias dentro da história” (ALBERTI, 2014:155): a trajetória de Clinton Thomas e Phyllis Thomas, e seus três filhos, nos dois países; as ações missionárias em três estados da Região Norte; a atuação médica, educacional e mecânica; a influência na sociedade urucaraense; suas relações com outros missionários protestantes e com sacerdotes católicos; seu protagonismo sobre o mercado religioso dominado pela Igreja Católica; a permanência da igreja após sua saída; essas e outras problemáticas poderão ser conhecidas através das narrativas de Phyllis Thomas e seus filhos, de primeiros frequentadores da Igreja de Cristo e de outros moradores de Urucará, além de permitir a busca de colaboradores em outros estados e nos Estados Unidos.

## Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 155-202.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 21-36.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: A arte multivocal da história oral. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio de história oral** [seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago. Tradução: Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 19-35.